



## NUANCES DE OFICIALISMO E ESTREITAMENTO NO ESPECTRO DE VOZES: UMA ANÁLISE DAS FONTES E DOS CANAIS DE INFORMAÇÃO DO CASO MARIELLE FRANCO NOS JORNAIS *FOLHA DE S. PAULO* E *EL PAÍS*\*

*Hues of officialism and narrowing in the spectrum of voices: an analysis of the sources and information channels of the Marielle Franco case in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *El País**

*Matices de oficialismo y estrechamiento del espectro de voces: un análisis de las fuentes y canales de información del caso Marielle Franco en los periodicos *Folha de S. Paulo* y *El País**

**\_MARCOS PAULO DA SILVA  
\_ANA KARLA FLORES GIMENES**

Foto: Flickr

SOBRE OS AUTORES >

### MARCOS PAULO DA SILVA >

Docente da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), com estágio de doutorado-sanduiche (PDEE/Capes) na Syracuse University, nos Estados Unidos. Líder do Grupo de Pesquisa Cotidiano e Noticiabilidade (UFMS/CNPq). e-mail: marcos.paulo@ufms.br

### ANA KARLA FLORES GIMENES >

Jornalista graduada pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). e-mail: ana.gimenes010@gmail.com

## RESUMO > ABSTRACT > RESUMEN

Desenvolve-se no artigo uma análise das fontes jornalísticas e dos canais de informação utilizados pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *El País* na cobertura do assassinato da ativista social e vereadora carioca Marielle Franco, adotando-se como recorte empírico os períodos de uma semana em março de 2018, de 2019 e de 2020, respectivamente a partir da data do crime e dos aniversários de um e dois anos de indefinição na apuração do ocorrido. A despeito das peculiaridades dos veículos estudados, mostra-se possível identificar nuances de oficialismo e de estreitamento do espectro de pontos de vista na cobertura jornalística, em especial pela complexidade do tema, bem como a recorrência implícita a recursos retóricos como a simplificação, a consonância e a personalização.

Palavras-chave: Jornalismo. Política. Marielle Franco. Fontes. Estratégias retóricas.

The article develops an analysis of the journalistic sources and information channels mobilized by the newspapers *Folha de S. Paulo* and *El País* to cover the murder of Rio de Janeiro activist and councilwoman Marielle Franco. Periods of one week in March 2018, 2019 and 2020 are adopted as empirical frames, respectively from the date of the crime and its anniversaries of one and two years. Despite the peculiarities of the news media analyzed, it is possible to identify nuances of official perspectives and narrowing of the spectrum of points of view in the news coverages, especially due to the complexity of the subject, as well as the implicit uses of rhetorical resources such as simplification, consonance and personalization. Key words: Journalism. Politics. Marielle Franco. Sources. Rhetorical strategies.

El artículo analiza las fuentes periodísticas y los canales de información utilizados por los periódicos *Folha de S. Paulo* y *El País* para cubrir el asesinato de la activista y concejal carioca Marielle Franco, adoptando los períodos de una semana como recorte empírico en marzo de 2018, 2019 y 2020, respectivamente, a partir de la fecha del crimen y los aniversarios de uno y dos años de incertidumbre en la determinación de lo sucedido. A pesar de las peculiaridades de los vehículos estudiados, es posible identificar matices de oficialismo y estrechamiento del espectro de puntos de vista en la cobertura informativa, especialmente por la complejidad del tema, así como la recurrencia implícita de recursos retóricos como simplificación, consonancia y personalización.

Palabras clave: Periodismo. Política. Marielle Franco. Fuentes. Estrategias retóricas.

\* Uma versão preliminar e resumida deste artigo foi aprovada para apresentação no XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado virtualmente entre os dias 1º e 10 de dezembro de 2020.

## PARA SITUAR O DEBATE

Este artigo apresenta um estudo sobre a cobertura jornalística do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco (PSOL) por meio da análise das fontes jornalísticas e dos canais de informação empregados pelos veículos *Folha de S.Paulo* e *El País*, em suas versões on-line, a fim de compreender as dinâmicas e as relações de poder explícitas e implícitas na construção das notícias. Como *corpus*, foram selecionadas matérias publicadas pelos jornais na semana do crime, em março de 2018, assim como nas datas que marcaram, nos anos de 2019 e 2020, os aniversários de indefinição do caso. Ao todo, são analisados 21 itens noticiosos, sendo 13 da *Folha de S.Paulo* – seis em 2018, cinco em 2019 e dois em 2020 – e oito do *El País* – quatro no primeiro ano e o mesmo montante em 2019, uma vez que em 2020 não se identificou a publicação de matérias de cunho informativo na semana de aniversário do ocorrido. Dessa forma, faz-se possível analisar a maneira como o crime foi retratado nos veículos ao longo dos três anos de investigação e seus desdobramentos mais recentes.

Na noite da execução, dia 14 de março de 2018, Marielle Franco voltava de um evento chamado “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, quando foi atingida dentro de seu carro por quatro tiros na cabeça, disparados por homens que estavam em outro veículo. O motorista da vereadora, Anderson Pedro Gomes, foi atingido e também morreu, ao passo em que Fernanda Chaves, assessora de Marielle, ficou ferida por estilhaços. A suspeita de execução por motivação política logo veio à tona. Voz ativa nos movimentos sociais da

periferia carioca e militante em defesa dos direitos humanos, da igualdade racial e da população LGBT, Marielle Franco manifestava-se de forma incisiva contra a atuação da polícia nas favelas cariocas. Eleita como a quinta vereadora mais votada da capital no pleito de 2016, com 46,5 mil votos, conquistou votantes em todos os colégios eleitorais do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Ainda assim, sua presença no campo político causava incômodos.

A ativista ocupava uma posição social – um cargo legislativo – pouco comum para uma mulher negra e advinda da periferia (TABAK, 2002). Autora de dissertação de mestrado sobre o tema (FRANCO, 2014), a vereadora foi nomeada relatora de uma comissão da Câmara Municipal do Rio de Janeiro criada para fiscalizar a atuação das tropas na Intervenção Federal conduzida pelo Exército. Seu assassinato se deu duas semanas depois de assumir o cargo. Dois dias após ter sido morta, a Intervenção Federal na capital fluminense completou um mês desde que fora decretada pelo então Presidente da República, Michel Temer, e gerou debates calorosos sobre os impactos da ação e sobre sua relação com o crime.

Passados mais de dois anos da execução, o caso não foi solucionado e continua sob sigilo na Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro. Para agravar sua complexidade, conforme destacam Schirmer e Dalmolin (2018), passou-se a ocorrer posteriormente ao crime a disseminação nas redes sociais de discursos enviesados a respeito do caso, com a intenção de modificar a identidade de Marielle Franco. Assim, a ativista passou a ser acusada levemente de lutar pela defesa de criminosos, de defender a violência nas favelas e de ter envolvimento com as maiores facções do estado. Schirmer e Dalmolin (2018, p. 10) ressaltam que Marielle teve uma espécie de “segunda morte”, alimentada pelo racismo e pelo machismo, a partir da construção de um falso nexo de causalidade – a culpabilização da vítima – pelo qual o assassinato seria resultante de suas próprias ações pessoais e políticas.

Nesse contexto, o tema do estudo foi escolhido devido à complexidade e à grande repercussão do crime no mundo, seja por intermédio da imprensa tradicional ou por meio das redes sociais na internet. Para efeitos ilustrativos, de acordo com levantamento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP-FGV), a morte da vereadora mobilizou 1,16 milhão de menções no Twitter apenas entre os dias 14 e 16 de março de 2018<sup>2</sup>. Por seu turno, os periódicos *Folha de S.Paulo* e *El País* foram selecionados por opção metodológica devido à abrangência (circulação), à representatividade nacional (e internacional, no caso do jornal espanhol) e, em especial, à suposta distinção editorial no tratamento do crime.

Fundada em 1921, a *Folha de S.Paulo* foi o primeiro jornal a oferecer, em 1995, conteúdo on-line no país. Atualmente, possui a maior média mensal de circulação digital segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), com 236 mil usuários<sup>3</sup>. Além disso, o jornal possui mais de 250 milhões de páginas visitadas por mês, com cerca de 30 milhões de visitantes. Já o jornal *El País* foi fundado em 1976, na Espanha, e possui cerca de 65 milhões de leitores em todas as suas edições ao redor do globo. O veículo possui sucursais em Washington,

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2016/rio-de-janeiro-rj/vereador/marielle-franco-50777/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>>. Acesso em: 10 maio 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/folha-cresce-e-lidera-circulacao-entre-jornais-do-pais-em-2019.shtml>>. Acesso em: 5 maio 2020

Cidade do México, Bruxelas e São Paulo, além de correspondentes em todos os continentes. Segundo a consultoria ComScore, o *El País* conta com cerca de 34,6 milhões de usuários e atinge mais de 200 países<sup>4</sup>. Vale-se nesta análise da edição brasileira on-line do periódico.

Em termos metodológicos, propõe-se no artigo um estudo dos canais de informação com base na classificação sistematizada por Sigal (1974) – isto é, canais de rotina, informais e corporativos –, bem como na tipologia de fontes noticiosas como “primárias” e “secundárias” (LAGE, 2005) – ou “*news makers*” e “*news shapers*”, na acepção de Soley (1992). O cruzamento dos dados, por seu turno, com inspiração nas reflexões de Kuypers (2009), possibilita a identificação de estratégias retóricas implícitas nas notícias (SILVA; JERONYMO, 2018).

Para Kuypers (2009, p. 182, tradução nossa), observar a construção do enquadramento das notícias constitui “uma maneira particularmente útil para compreender o impacto da retórica”, podendo ser utilizado para entender melhor qualquer artefato retórico, principalmente na compreensão dos efeitos da comunicação mediada. De acordo com o autor, tal relação ocorre porque a retórica voltada à construção das notícias possui elementos tanto informativos quanto persuasivos, valendo-se de exemplos, de analogias e de definições, ou seja, segue além do escopo das afirmações construídas como argumentos (KUYPERS; KING, 2009, p. 4, tradução nossa). Em diálogo com Kuypers (2009), por seu turno, Silva e Jeronymo (2018) interpretam os chamados “valores-notícia de construção” (TRAQUINA, 2008) – entre eles, a simplificação, a consonância e a personalização – como recursos retóricos imbricados nas dinâmicas de produção das notícias, o que envolve os processos de seleção de fontes e de canais informativos, tal como será explicitado adiante.

## FONTES E CANAIS DE INFORMAÇÃO

Gans (2004) metaforiza a relação entre fontes e jornalistas como uma dança, na qual um parceiro busca o outro, sendo frequente a condução dos passos pelos primeiros. Em seu modo de ver, os jornalistas geralmente possuem um número restrito de fontes para o acesso às informações. Trata-se, em outros termos, de um rol bastante estreito de atores sociais “aprovados” e legitimados de antemão nas rotinas jornalísticas, devido às restrições de tempo e de recursos, o que limita o acesso a um leque mais plural de possibilidades. Segundo o autor, as fontes são selecionadas com base em parâmetros como confiabilidade, convivência, credibilidade, desenvoltura, autoridade e notoriedade. Ele afirma, ainda, que as coberturas especializadas – como as do jornalismo político e do jornalismo policial, que correspondem ao escopo deste estudo – costumam influenciar a seleção geral e a mobilização das fontes, visto que os jornalistas que transitam por tais campos supostamente constroem vínculos mais profundos e contínuos com seus interlocutores, estabelecendo regras e compromissos mútuos. Ademais, para o sociólogo, as fontes não são capazes de determinar unilateralmente a condução de uma notícia ou o valor noticioso de um fato, mas costumam direcionar a atenção dos jornalistas para certas circunstâncias sociais.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://elpais.com/corporativos/>>. Acesso em: 5 maio 2020.



Conterrâneo de Gans, Soley (1992) indica as bases sistemáticas aplicadas na seleção das fontes no jornalismo. O autor sublinha que agentes oficiais do governo e homens brancos oriundos de instituições de elite são historicamente utilizados com mais frequência que qualquer outro perfil de fontes nos jornais norte-americanos. Além disso, aponta que as mulheres são menos mobilizadas como fontes e que movimentos sociais e grupos de direitos humanos costumam ser subrepresentados nas notícias – perspectiva ratificada por levantamentos como o do *The Global Media Monitoring Project*, que revelou que, em 2015, as mulheres representavam apenas 24% das fontes noticiosas ao redor do mundo; a lacuna é ainda mais evidente nas notícias sobre política, área na qual as vozes femininas constituíram, no mesmo período, apenas 16% do total, um decréscimo de três pontos percentuais em relação ao levantamento de 2010 (THE GLOBAL..., 2015).

Para Soley (1992), uma explicação para o uso frequente das mesmas modalidades de fontes no jornalismo diz respeito a uma leitura equivocada do conceito de “objetividade”, concedendo margem a procedimentos de apuração que corroboram o *status quo* da sociedade, sem explicitar os jogos de forças dos sistemas sociais vigentes. Instituições legitimadas e frequentemente mobilizadas pela mídia, como grandes grupos empresariais e governos, passam a ser denominadas “fontes convencionais”, restringindo os espaços de grupos anti *status quo* com pontos de vista menos legitimados – estes, tratados como “fontes não convencionais”. Tal perspectiva encontra sintonia em reflexões mais recentes, como a de Moraes e Veiga da Silva (2019), que desenvolvem uma crítica ao ideal jornalístico da objetividade adotando como ponto de partida a provocação contida na obra do artista chileno Alfredo Jaar sobre a subrepresentação étnica nos periódicos ocidentais.

Outrossim, Soley (1992) propõe uma classificação das fontes entre os chamados “*news makers*” e os “*news shapers*”, tipologia que dialoga com a divisão de Lage (2005) entre fontes “primárias” e “secundárias”. Para o autor brasileiro, sem o interesse próprio das fontes em divulgar uma informação, muitas notícias sequer seriam conhecidas. Ele ressalta que a motivação das fontes é decorrente de vários fatores, a exemplo da obrigação de manter a sociedade informada, do desejo de prestígio perante a comunidade, do receio de um fato ser divulgado com uma versão desfavorável e da vontade de desmoralizar um adversário. Ainda segundo ele, as fontes primárias estão ligadas diretamente aos fatos, fornecem informações, números e ângulos; já as secundárias não fazem parte diretamente dos ocorridos, mas se enquadram como aquelas que são consultadas para contextualização e preparação de uma pauta. Para Soley (1992), em horizonte semelhante, os “*news makers*” são definidos como as fontes que fazem parte de um ocorrido, os chamados personagens; os “*news shapers*”, por sua vez, são aqueles agentes mobilizados pela mídia na busca de informações privilegiadas, antecedentes ou previsões sobre resultados dos acontecimentos e geralmente são apresentados sob o rótulo de “especialistas” ou “*experts*”. De acordo com o autor, os “*news shapers*” constituem uma classe de elite que fornece suas análises e opiniões para a maioria dos noticiários. Esse grupo restrito, segundo o sociólogo, mostra-se homogêneo em termos de educação, associativismo, etnia e gênero.

No contexto brasileiro, Leal e Carvalho (2015), a partir do desenvolvimento de uma análise sobre a cobertura jornalística da homofobia e de temas ligados a HIV/Aids, contribuem para o debate ao defender a pertinência do uso do termo “agente”, em detrimento de “fonte”. Para os autores, a produção de notícias

envolve um campo de disputas desigual no qual diferentes agentes sociais concorrem entre si por espaços, enquadramentos e falas, podendo se legitimar ou não como fontes e como personagens nas narrativas informativas. Com base em Neveu (2006), os pesquisadores destacam que a terminologia “fonte” não constitui um conceito cristalizado, mas uma metáfora. Quando utilizada sem a devida problematização, alertam Leal e Carvalho (2015, p. 613), a ideia de “fonte” não permite o desvelamento da complexidade dos processos de obtenção de informação, de definição de enquadramentos e de modos de interpretação, de configuração narrativa da notícia e de sua apreensão, dinâmicas que envolvem diferentes jogos de interesse e de poder – tal como pode ser observado na análise da cobertura do caso Marielle Franco.

Complementarmente, também em uma perspectiva histórica, ao estabelecer um recorte longitudinal de quatro décadas no jornalismo norte-americano, Sigal (1974) classifica os canais de informação em três modalidades: oficiais, de rotina e corporativos. A partir de um estudo sobre as primeiras páginas dos jornais *The New York Times* e *Washington Post*, o autor conclui que as fontes de informação dominantes no jornalismo dos Estados Unidos são essencialmente governamentais e oriundas de canais de rotina. Conceitualmente, os “canais de rotina” remetem a conferências e comunicados de imprensa, audiências e eventos oficiais. Já os “canais informais” dizem respeito a vazamentos, a procedimentos não governamentais ou a reportagens de outras organizações de notícias. Por sua vez, os “canais corporativos” relacionam-se a entrevistas realizadas por iniciativa dos próprios repórteres, bem como a eventos espontaneamente presenciados pelos jornalistas, além de pesquisas em bases de dados e de conclusões e análises oriundas das próprias redações.

## **FONTES E CANAIS INFORMATIVOS NA COBERTURA DA FSP E DO EP**

Em termos quantitativos, as fontes mais recorrentes mobilizadas pelo jornal *Folha de S.Paulo* sobre o caso Marielle Franco em 2018 são, de modo significativo, as secundárias, com 96,3% das citações. Em 2019, as fontes primárias totalizaram cerca de 14,3%, e as secundárias, 85,7%. Em 2020, as fontes secundárias também são majoritárias nas matérias analisadas no veículo e contam com 70%, enquanto as primárias somam aproximadamente 30%. Totalizando os três anos estudados, verifica-se que 87% das fontes mencionadas são secundárias.

**Tabela 1. Matérias analisadas na *Folha de S.Paulo***

<b>Veículo</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Fontes</b>
<i>Folha de S.Paulo</i>	14/03/2018	Vereadora do PSOL é morta a tiros no Rio de Janeiro	Anistia Internacional; Michel Temer (Presidente da República); Marcelo Freixo (Deputado Estadual); Felipe Santa Cruz (Presidente da OAB/RJ)
<i>Folha de S.Paulo</i>	15/03/2018	'Morte de Marielle não afeta intervenção no Rio', diz ministro da Justiça	Walter Braga Netto (interventor federal)
<i>Folha de S. Paulo</i>	15/03/2018	Assassinato de Marielle mobiliza Planalto para reduzir desgaste	Michel Temer (Presidente da República); Moreira Franco (Ministro de Secretaria-Geral); "integrantes do governo"
<i>Folha de S.Paulo</i>	15/03/2018	Michel Temer chama de extrema covardia morte de vereadora do Rio	Michel Temer (Presidente da República); "auxiliares e assessores presidenciais"; pesquisa do Governo Federal sobre a taxa de aprovação da população do Rio de Janeiro à Intervenção
<i>Folha de S.Paulo</i>	16/03/2018	Munição liga caso Marielle à maior chacina da história de São Paulo	Marcelo de Oliveira (promotor); Raul Jungmann (Ministro da Segurança Pública); policiais envolvidos na investigação
<i>Folha de S.Paulo</i>	16/03/2018	Comandante do Exército vê crescer importância da intervenção após crime	Eduardo Villas Bôas (Comandante do Exército); policiais civis e militares envolvidos nas investigações

<b>Folha de S. Paulo</b>	12/03/2019	PMs são presos sob suspeita de matar vereadora Marielle Franco	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro); Leonardo da Luz (advogado de Alexandre Motta, amigo do acusado Ronie Lessa); Mônica Benício (viúva da vereadora)
<b>Folha de S. Paulo</b>	12/03/2019	Obsessão por membros da esquerda motivou criminosos na morte de Marielle, diz polícia	Elisa Fraga (investigadora da Coordenadoria de Segurança e Inteligência); Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Letícia Emi-le (promotora)
<b>Folha de S. Paulo</b>	13/03/2019	'Não me lembro desse cara', diz Bolsonaro sobre vizinho suspeito de matar Marielle	Jair Bolsonaro (Presidente da República); Simone Sibilio (promotora)
<b>Folha de S. Paulo</b>	13/03/2019	Witzel diz que delegado do caso Marielle deve ser afastado	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro)
<b>Folha de S. Paulo</b>	14/03/2019	Atos cobram respostas sobre mandante da morte de Marielle e Anderson	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro)
<b>Folha de S. Paulo</b>	13/03/2020	Assassinato de Marielle faz dois anos com conflitos em série na busca por mandante	Jair Bolsonaro (Presidente da República); Wilson Witzel (Governador do Rio de Janeiro); Raquel Dodge (ex-procuradora geral da República); Ministério Público do Rio de Janeiro
<b>Folha de S. Paulo</b>	14/03/2020	Veja tudo o que se sabe sobre o assassinato de Marielle, dois anos depois	Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz (suspeitos do crime); Sérgio Moro (Ministro da Justiça); Raquel Dodge (ex-procuradora geral da República); Ministério Público do Rio de Janeiro

Fonte: Elaboração dos autores.



Das 23 fontes identificadas como pessoas físicas, excluindo levantamentos documentais, oriundos do trabalho de pesquisa jornalística dos repórteres, e as repetições de trechos em diferentes matérias, a maioria dos agentes acionados possui cargos políticos, somando 43,4% das fontes. Policiais e advogados contam com a segunda maior porcentagem, 39,1%; já os personagens menos citados são os familiares e conhecidos de Marielle ou os envolvidos no caso, representando 17,3% das menções. Os nomes mais frequentes nos textos são os do ex-Presidente da República Michel Temer, do então interventor federal e atual ministro da Casa Civil Walter Braga Netto, do delegado responsável pelo caso Giniton Lages e do governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel.

Outros aspectos observados são o gênero e a etnia das fontes. Considerando que Marielle fazia parte de uma minoria de mulheres negras, mostra-se importante analisar o volume de fontes femininas e de negros mobilizado pelo jornal. Somando todas as fontes que foram identificadas nos anos analisados, de 23 referências, 78,3% são masculinas e 95,6% brancas. Mesmo Marielle pertencendo ao grupo de mulheres negras, as fontes acionadas para retratar o caso são significativamente externas a essa realidade. Os agentes mais utilizados são oficiais governamentais e policiais, majoritariamente homens e brancos, com uma variedade bastante ínfima de pontos de vista.

**Tabela 2. Fontes utilizadas nas matérias analisadas na *Folha de S.Paulo***

Classificação das fontes	2018	2019	2020	Total
<b>Primárias</b>	3,7%	14,3%	30%	13%
<b>Secundárias</b>	96,2%	85,7%	70%	87%
<b>Mulheres</b>	8,4%	37,5%	16,6%	21,7%
<b>Homens</b>	91,6%	62,5%	83,4%	78,3%
<b>Branco</b>	91,6%	100%	100%	95,6%
<b>Negros</b>	8,4%	0%	0%	4,4%

*Fonte: Elaboração dos autores.*

No que tange aos canais de informação identificados nas matérias analisadas na *Folha de S.Paulo*, em 2018 o canal de rotina foi o mais acionado, com cerca de 30% do total de 33 ocorrências. O canal informal conta com 27,2% das ocorrências, número próximo ao canal corporativo e aos casos em que não se mostra possível identificar a procedência com, respectivamente, 24% e 18%. Em 2019, o canal de rotina também foi o mais mobilizado, com 54,5% das 22 ocorrências. Contudo, a diferença entre este e os demais canais é evidente, visto que o canal corporativo possui apenas 18,1% do total, seguido pelo informal, com 13,6%, e pelos canais não identificados, com 9%. Finalmente, em 2020 é visível o uso majoritário do canal de rotina, contabilizando 83,3% das 12 ocorrências. Os canais informal e corporativo possuem a mesma porcentagem, apenas 8,3%.

Não foram verificados casos com impossibilidade de identificação dos canais utilizados.

**Tabela 3. Canais de informação das matérias analisadas na *Folha de S. Paulo***

Canais	Quantitativo	Porcentagem
Rotina	32	47,7%
Informal	13	19,4%
Corporativo	13	19,4%
Não identificado	8	11,9%

*Fonte: Elaboração dos autores.*

A divisão entre as fontes primárias e secundárias também apresenta um desequilíbrio, uma vez que, das 67 ocorrências, somando os três anos analisados, 84% constituem fontes secundárias. As fontes oficiais governamentais foram as mais utilizadas pelo canal de rotina, com 18 das 32 ocorrências. Outras fontes secundárias bastante utilizadas foram os gerais, os policiais envolvidos nas investigações e as promotoras do caso. Vale ressaltar que as matérias analisadas são da cobertura de um crime de assassinato; portanto, a “personagem principal”, Marielle Franco, fica evidentemente impossibilitada de se manifestar, a não ser pela recorrência a declarações prévias registradas em entrevistas (canal de rotina) ou em redes sociais (canal informal). Os meios mais recorrentes utilizados para a obtenção de informações são as coletivas de imprensa e as notas oficiais dos governos federal e estadual.

Nos canais informais, as fontes oficiais também são as mais recorrentes, com seis das 13 fontes identificadas. Tais fontes foram citadas a partir de publicações em redes sociais a respeito do caso. Não obstante, o canal informal foi acionado para extrair citações de vazamentos ou informações publicadas anteriormente por outros veículos midiáticos. No canal corporativo, menos efetivo, foram utilizadas entrevistas realizadas por repórteres e pesquisas em documentos. Há um equilíbrio entre a origem das ocorrências: 54% foram retiradas de pesquisas advindas da apuração jornalística em documentos e bancos de dados; e 46% de entrevistas exclusivas realizadas com fontes oficiais, policiais ou conhecidos de Marielle. A viúva da vereadora, Mônica Benício, é mencionada em apenas duas matérias do jornal – “PMs são presos sob suspeita de matar vereadora Marielle Franco” (12 de março de 2019) e “Atos cobram respostas sobre mandante da morte de Marielle e Anderson” (14 de março de 2019). Em ambos os casos, as citações foram obtidas por meio de entrevistas.

É possível identificar a partir da análise no jornal *Folha de S. Paulo* que a busca por declarações não oriundas de coletivas de imprensa mostra-se escassa. Uma explicação reside no fato de que as fontes mais utilizadas são as secundárias e as oficiais, em geral indivíduos que defendem a Intervenção Federal do Rio de Janeiro, como Michel Temer e Walter Braga Netto, ratificando o oficialismo das declarações formais à imprensa. Fontes primárias – como a família de Marielle – são apenas parcialmente citadas; somente a

viúva da vereadora foi mencionada. Ao longo das matérias, mostra-se visível a repetição em diferentes datas de muitas declarações advindas dos mesmos canais e das mesmas fontes mencionadas anteriormente. Em apenas oito ocorrências, não se faz possível identificar o canal empregado nas matérias analisadas. Desse total, 62,5% das ocorrências são declarações de policiais e de advogados sobre as investigações do caso, e 37,5% são de oficiais, como ministros e deputados alinhados ao governo. Também são utilizadas 13 fontes não identificadas, com apresentações genéricas, a exemplo de “auxiliares de Temer”, “representantes do PSOL”, “auxiliares e assessores presidenciais” e “policiais envolvidos na investigação”.

No jornal *El País*, por seu turno, as fontes mais utilizadas em 2018 são também as secundárias, com 86,2% do total de 29 casos. Em 2019, as fontes primárias resultam em cerca de 21% das menções, e as secundárias, em 79% de 19 fontes identificadas. No caso do *El País*, nenhum texto de caráter informativo sobre o crime foi identificado no recorte em 2020, razão pela qual o ano não está contabilizado na Tabela 4.

**Tabela 4. Matérias analisadas no *El País***

Veículo	Data	Título	Fontes
<i>El País</i>	15/03/2018	Ameaças aterrorizam moradores e ativistas que denunciam violência policial em Acari	Buba Aguiar (moradora de Acari e integrante do coletivo Fala Akari); “moradores” e “ativistas”
<i>El País</i>	15/03/2018	Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras	Marcelo Freixo (Deputado Estadual), Luiz Eduardo Soares (cientista político); Michel Temer (Presidente da República); Anistia Internacional; PSOL
<i>El País</i>	16/03/2018	Assassinato político de Marielle Franco reativa as ruas e desafia intervenção no Rio	Talíria Petrone (vereadora de Niterói); Jandira Feghali (deputada federal); Marcelo Freixo (deputado estadual); Tereza Onã (educadora social); Raquel Oliveira (historiadora); Luciana Gentilli (veterinária); Vitor Machado; Taíse Almeida (estudante); Mariane Oliveira

<i>El País</i>	15/03/2018	Intervenção no Rio faz um mês sem plano nem dinheiro e pressionada apurar caso Marielle Franco	Walter Braga Netto (Interventor Federal); Luiz Fernando Pezão (Governador do Rio de Janeiro); Polícia Militar; Raul Jungmann (Ministro da Segurança Pública); Fernanda Chaves (assessora de Marielle Franco, única sobrevivente do crime)
<i>El País</i>	12/03/2019	Acusados de matar Marielle, PM e ex-PM são presos no Rio de Janeiro	Ginton Lages (delegado encarregado pelo caso); Simone Sibilio (promotora); Letícia Emile (promotora)
<i>El País</i>	12/03/2019	Conclusão de caso Marielle testa Moro no Ministério da Justiça	Jair Bolsonaro (Presidente da República); Sérgio Moro (Ministro da Justiça); Marcelo Freixo (deputado federal); Leonardo Isaac Yarochevsky (advogado e doutor em Direito pela UFMG)
<i>El País</i>	12/03/2019	Caso Marielle: O que se sabe até agora sobre o crime que completa um ano	Ministério Público do Rio de Janeiro; jornal "O Globo"
<i>El País</i>	13/03/2019	Segunda fase de investigação sobre crime de Marielle terá novo delega-do	"Fontes ligadas à Divisão de Homi-cídios"; "integrantes do PSOL"; "membros do Ministério Público"

Fonte: *Elaboração dos autores.*

No total, das 48 fontes mobilizadas pelo jornal, apenas 16,6% são primárias, e 83,4% são secundárias. Ao somar as fontes identificadas como pessoas físicas nos textos, há um equilíbrio entre as fontes oficiais e os familiares, amigos e envolvidos no caso, que contabilizam 11 referências cada. As outras sete fontes identificadas são advogados e policiais envolvidos nas investigações, totalizando 24% das ocorrências. Das fontes oficiais, os nomes mais mencionados são, por um lado, o então interventor federal Walter Braga Netto e, por outro, o deputado federal Marcelo Freixo, amigo e partidário de Marielle.

No que se refere à representação de gênero e etnia nos anos analisados, identifica-se uma paridade entre fontes femininas e masculinas. Das 30 fontes utilizadas nas matérias do jornal, a maioria é composta por homens, representando 56,6% das menções. A despeito do maior equilíbrio na mobilização de fontes masculinas e femininas; todavia, quanto à etnia, aproximadamente 77,7% das citações são de pessoas brancas.

**Tabela 5. Fontes utilizadas nas matérias analisadas no El País**

Classificação das fontes	2018	2019	Total
Primárias	13,8%	21%	17,4%
Secundárias	86,2%	79%	82,6%
Mulheres	55%	18,2%	43,3%
Homens	45%	81,8%	56,6%
Branços	64,7%	100%	77,7%
Negros	35,3%	0%	22,3%

Fonte: Elaboração dos autores.

Em relação aos canais de informação identificados no conjunto dos anos analisados, o mais utilizado pelo *El País*, a exemplo da *Folha de S.Paulo*, é o de rotina. Contudo, em 2018, ano do crime, o meio mais acionado foi o canal corporativo, com 39,3% das 33 fontes. Os canais de rotina, informal e os que não tiveram identificação possível representam 30,3%, 27,2% e 3%, respectivamente. Já em 2019, a situação inverte-se e o canal de rotina obtém mais da metade das 22 fontes mencionadas, com 59%. Naquele ano, o canal corporativo não foi utilizado. Os demais canais – informal e não identificado – contabilizam 27% e 14% das ocorrências, respectivamente.

**Tabela 6. Canais de informação das matérias analisadas no El País**

Canais	Quantitativo	Porcentagem
Rotina	23	41,8%
Informal	15	27,2%
Corporativo	13	23,6%
Não identificado	4	7,2%

Fonte: Elaboração dos autores.

As fontes mais citadas e mobilizadas por meio do canal de rotina são as oficiais, com 15 das 23 ocorrências. Tais declarações são extraídas, em maioria, de discursos do poder legislativo e de notas oficiais. Os policiais civis e militares, delegados e advogados envolvidos no caso são citados sete vezes na soma das matérias analisadas, com menções a partir de coletivas de imprensa. No canal informal, das 15 ocorrências identificadas, 33,3% das declarações são extraídas de publicações feitas por outros veículos jornalísticos. Alguns exemplos são as citações dos periódicos *O Globo*, *G1* e *O Dia*. Os familiares, conhecidos e envolvidos no caso representam 27% das ocorrências, com citações originais da própria Marielle Franco (extraídas de suas redes sociais); da



assessora Fernanda Chaves, sobrevivente do crime; e dos investigados Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz. Por fim, o *El País* também mobiliza como fonte secundária o cientista político Luiz Eduardo Soares, transcrevendo citações de redes sociais do especialista em segurança pública.

O canal corporativo foi o mais utilizado pelo jornal em 2018, com 10 das 13 ocorrências. Mostra-se significativo que, diferentemente da *Folha de S.Paulo*, a busca por declarações a partir de entrevistas in loco realizadas pelo repórteres do *El País* representa 92,3% dos casos. O restante, 7,7%, remete a informações coletadas a partir de pesquisas em bancos de dados. Entre as fontes cuja identificação do canal fica impossibilitada, estão o advogado e doutor em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Leonardo Isaac Yarochevsky, como fonte secundária; o Ministério Público; e – genericamente – o PSOL. Ao longo do recorte empírico analisado, 13 fontes são introduzidas de modo genérico, a exemplo de “fontes ligadas à Delegacia de Homicídios”, “pessoas ligadas à Polícia Civil”, “integrantes do PSOL”, “membros do Ministério Público” e “ativistas e moradores de Acari”. Em síntese, 24% das fontes utilizadas pelo jornal não recebem identificação precisa.

A partir das análises, pode-se perceber que embora seja sustentado em grande parte por fontes oficiais, o *El País* apresenta um tratamento menos oficialismo do que a *Folha de S.Paulo*. Com a busca dos repórteres por declarações fora do âmbito das coletivas de imprensa e das notas oficiais, o jornal vale-se mais do canal corporativo, sobretudo em 2018. O *El País* também apresenta maior equilíbrio em termos de gênero e de etnia, decorrente da procura jornalística por fontes primárias, familiares ou conhecidos de Marielle, em situações como o enterro da vereadora ou as manifestações realizadas em sua homenagem.

Entretanto, com base nos dados analisados, ainda que mostre uma identidade mais engajada em temáticas relativas aos direitos humanos, não se faz possível afirmar que o tratamento do caso pela versão brasileira do *El País* represente uma cobertura eminentemente plural ou que resulte em potencial rompimento com a tendência histórica de mobilização de um rol estreito de fontes legitimadas a partir das instâncias de poder – em sintonia com o que é demonstrado em diferentes períodos históricos e recortes geográficos, por autores como Sigal (1974), Soley (1992), Gans (2004), Leal e Carvalho (2014) e Moraes e Veiga da Silva (2019). Em especial, no segundo ano de cobertura, o *El País* volta-se a uma estratégia de tratamento do caso bastante similar ao oficialismo das fontes da *Folha de S.Paulo* – veículo que, frisa-se, também não se insere no espectro mais conservador da mídia brasileira. Ademais, pode-se inferir, a partir da mobilização de fontes e de canais de informação por parte dos jornais estudados, que ambos constroem enquadramentos do crime contra Marielle Franco baseados em recursos retóricos que em muitos casos não contribuem para o desvelamento da complexidade do fenômeno em pauta.

## INFERÊNCIAS POSSÍVEIS

Se, por um lado, os degraus desproporcionais nas categorias de fontes e de canais de informação identificados nas análises quantitativas dos veículos *Folha de S.Paulo* e *El País* explicitam os jogos de forças

em disputa na sociedade, por outro, quando expostas a um olhar qualitativo, as categorias de análise tornam possíveis inferências ainda mais complexas sobre os efeitos extraídos das estratégias retóricas em pauta (KUYPERS, 2009) – especialmente, a simplificação, a personificação e a consonância (TRAQUINA, 2005; SILVA; JERONYMO, 2018).

Na *Folha de S. Paulo*, a partir da mobilização das fontes e de seus argumentos, infere-se uma estratégia implícita de simplificação nos textos, em que as mortes de Marielle Franco e de Anderson Gomes são, em certa medida, justificadas pela conjuntura de calamidade e de violência no Rio de Janeiro. Um exemplo pode ser visualizado na matéria “Assassinato de Marielle mobiliza Planalto para reduzir desgaste” (15 de março de 2018). Logo após contextualizar o caso, o texto apresenta o intertítulo “Violência no Rio”, onde são expostos problemas com o policiamento público e a situação da violência no estado, tratados como consequências da crise política de 2016. Ao evidenciar essas informações como uma espécie de conclusão, conota-se que o crime foi mais um evento decorrente da falta de estrutura no policiamento público do Rio de Janeiro, remetendo a um tipo peculiar de achatamento da complexidade dos motivos do assassinato – o que inclui, além da suposta motivação política, outros aspectos menos latentes, como as questões raciais e de gênero. Tal estratégia é também mobilizada na matéria “Comandante do Exército vê crescer importância da Intervenção após crime” (16 de março de 2018), que tem foco num argumento do general Eduardo Villas Bôas: o de que o caso Marielle Franco remete à necessidade de um aumento na Intervenção no Rio de Janeiro, e não o contrário, destituindo de contexto a própria bandeira política defendida pela vereadora em sua trajetória de militância. Os textos apresentam os problemas do Rio de Janeiro com a segurança pública e com a Intervenção Federal, relacionando diretamente tais questões à morte da vereadora; isto é, conotam uma simplificação, ao remeter o atentado a uma espécie de relação causal com a violência.

Da mesma forma, como já explicitado na análise quantitativa das fontes, localiza-se uma estratégia implícita de personificação a partir das vozes oficiais. Nesse sentido, em diversas ocasiões, o foco recai na Intervenção Federal instituída por Michel Temer e nas ações realizadas pelo então Presidente após a morte de Marielle, o que também equivale ao acionamento do recurso da consonância (a inscrição da história em uma narrativa mais ampla já socialmente conhecida). A confluência desses recursos retóricos pode ainda ser verificada em matérias como “‘Morte de Marielle não afeta Intervenção no Rio’, diz ministro da Justiça” (15 de março de 2018), que protagoniza o então ministro Torquato Jardim, e “‘Não me lembro desse cara’, diz Bolsonaro, sobre vizinho suspeito de matar Marielle” (13 de março de 2019), que deposita o foco no então recém-empossado Presidente da República Jair Bolsonaro e em sua tentativa de comparação entre o caso Marielle Franco e o caso do atentado à faca que sofrera durante a campanha eleitoral, também em 2018.

No caso do *El País*, em relação à estratégia da consonância, faz-se preciso reconhecer que o veículo mobiliza o recurso retórico de modo criativo na cobertura realizada em março de 2018, logo na sequência do crime, denotando uma fuga ao oficialismo das fontes. Um exemplo pertinente remete à matéria “Ameaças aterrorizam moradores e ativistas que denunciam violência policial em Acari” (15 de março de 2018), onde se estabelece uma referência à Igreja Nossa Senhora de Nazaré e Santos Mártires Ugandenses, localizada no

bairro onde viveu Marielle Franco. O texto recupera a história na qual 45 homens negros foram mortos em Uganda, no século XIX, pelo fato de serem cristãos, realizando um dialogismo com a morte pela polícia de dois homens negros nas redondezas da igreja – e, em um plano mais amplo, com o próprio assassinato de Marielle como decorrência do racismo estrutural que mitiga a sociedade carioca. Ademais, diferentemente da *Folha de S. Paulo*, nos textos do *El País*, em 2018, busca-se consonância em fontes não hegemônicas, como mulheres negras que ocupam posições de liderança na periferia, e recorre-se a mobilizações populares que são mais próximas ao que Marielle Franco defendia e representava. Em contrapartida, as fontes oficiais são introduzidas como o “outro lado”, ou seja, são destituídas de centralidade nas matérias.

Todavia, a partir de 2019, as fontes utilizadas com mais frequência pelo *El País* passam a ser também as oficiais, numa aproximação com o modelo de jornalismo mais convencional trabalhado pela *Folha de S. Paulo*. Replica-se, nesse cenário, o recurso da simplificação, mas em sentido diferente daquele empregado pelo jornal paulista. No caso do *El País*, em sintonia com uma linha editorial bastante crítica à Intervenção Federal no Rio de Janeiro, sobe-se o tom ao referir-se ao assassinato como prova da inadequação da ação no estado. Em alguns trechos, o veículo toma a parte pelo todo e deixa implícito que problemas históricos do Rio de Janeiro poderiam ser resolvidos com o fim da Intervenção.

Outrossim, no que tange o acionamento das fontes, desta vez em relação à variável de gênero, identifica-se, em 2019, a ênfase do *El País* na consonância e na personificação, ao proceder-se – não raramente em demasia – a vinculação da cobertura sobre a morte de Marielle Franco à figura de Marcelo Freixo, personagem masculino legitimado como voz oriunda de canais oficiais. Ainda que haja um alinhamento ideológico e uma relação afetiva entre a vereadora e o deputado federal, o político é constantemente mobilizado como fonte única próxima à vítima, mesmo que o enfoque da matéria não seja a política partidária. Desse modo, em alguns trechos, a trajetória de Marielle fica sobremaneira eclipsada por Freixo, conotando-se, na contramão das bandeiras emancipatórias defendidas pela vereadora e pelo próprio deputado, uma modalidade de tutela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da cobertura jornalística direcionada ao período que sucede o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, em 2018, mostra-se academicamente relevante, uma vez que, para além da importância social intrínseca da temática, a ativista social – como advertem Schirmer e Dalmolin (2018) – teve uma espécie de “segunda morte” simbólica, com a tentativa de culpabilização a posteriori da vítima nas redes sociais. Entretanto, no caso das coberturas noticiosas nos jornais estudados – *Folha de S. Paulo* e *El País* –, se, por um lado, não se identifica propriamente o acionamento desse nexos causal de culpabilização, por outro, a análise de fontes e de canais informativos revela que os periódicos – mesmo localizados no campo mais progressista da mídia brasileira – conotam nuances de oficialismo e de um significativo estreitamento no espectro das vozes mobilizadas.

Identifica-se nas coberturas, ademais, a mobilização de estratégias retóricas implícitas e explícitas que

adicionam um potencial analítico verticalizado aos dados quantitativos oriundos da categorização das fontes e dos canais de informação. A contribuição de Kuypers (2009) é substancial nesse sentido. O autor é enfático ao argumentar que os estudos de coberturas jornalísticas passam necessariamente pelo universo da retórica. Assim, uma série de recursos argumentativos, menos ou mais explícitos, identificados nas coberturas – como a simplificação, a consonância e a personalização (TRAQUINA, 2008; SILVA; JERONYMO, 2018) –, contribuem para a problematização do levantamento estatístico construído em torno de categorias analíticas proporcionadas por autores como Sigal (1974), Soley (1992) e Lage (2005).

Em termos de categorias de análise, aliás, os dados identificados sublinham a pertinência de um olhar crítico às nomenclaturas mobilizadas. Os já difundidos conceitos de fontes “primárias” e “secundárias” (LAGE, 2005) revestem-se de complexidade quando postos em diálogo com as reflexões de Soley (1992), referentes aos “*news makers*” e aos “*news shapers*” – este último grupo destacado pelo sociólogo norte-americano como uma classe de elite bastante restrita em termos educacionais, associativos, de etnia e de gênero. Tal conclusão, por sua vez, encontra sintonia também nas discussões oferecidas pelo *The Global Media Monitoring Project* (2015), por Moraes e Veiga da Silva (2019) e, em especial, por Leal e Carvalho (2015), na problematização do próprio conceito de “fonte” como metáfora no campo jornalístico.

Não é por acaso que os estudos de Sigal (1974), ao longo de décadas voltados às coberturas jornalísticas realizadas pelos principais jornais dos Estados Unidos, o levam a sistematizar as categorias de canais de informação em “canais de rotina”, “corporativos” e “informais”, para, na sequência, indicar que a predominância dos canais de rotina coincide com a disseminação de um caráter oficioso das publicações. O caso Marielle Franco sobre o qual este artigo se debruça ratifica essa percepção, ao identificar, sobretudo no caso da *Folha de S. Paulo*, uma coincidência significativa entre o acionamento de fontes oficiais e dos canais de rotina. Ainda que escape ao oficialismo em um primeiro momento, lançando mão de estratégias retóricas em um sentido criativo, logo na sequência do crime, o *El País*, como mostrado, aproxima seu padrão de tratamento do tema ao tradicionalismo da *Folha de S. Paulo*, no segundo ano de cobertura. Além disso, no aniversário de dois anos de indefinição do crime, o veículo abre mão da própria cobertura informativa, destinando espaço para o tratamento do assunto apenas por intermédio de artigos assinados por ativistas sociais que problematizam o ocorrido. A despeito das peculiaridades dos veículos, porém, conclui-se que ambos não colaboram a contento para o desvelamento possível da complexidade do caso em pauta.

## REFERÊNCIAS

FRANCO, Marielle. *UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Universidade

Federal Fluminense, Niterói, 2014.

GANS, Herbert J. *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Illinois: Northwestern University Press, 2004.

KUYPERS, Jim A. Framing analysis. In: KUYPERS, Jim A. (Ed.). *Rhetorical criticism: perspectives in action*. New York: Lexington Books, 2009. p. 181-203.

\_\_\_\_\_.; KING, Andrew. What is rhetoric? In: KUYPERS, Jim A. (Ed.). *Rhetorical criticism: perspectives in action*. New York: Lexington Books, 2009. p. 1-12.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta. *Intexto*, Porto Alegre, n. 34, p. 606-622, set./dez. 2015.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., Porto Alegre, 2019. *Anais...* Brasília: Compós, 2019.

NEVEU, Erik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006.

SCHIRMER, Leandra Cohen; DALMOLIN, Aline Roes. Discurso de ódio biopolítico no caso Marielle Franco. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIOPOLÍTICA E DIREITOS HUMANOS, 1., Ijuí, 2018. *Anais...* Ijuí: Unijuí, 2019.

SOLEY, Lawrence C. *The news shapers: the source who explain the news*. New York, Westport, London: Praeger Publishers, 1992.

SIGAL, Leon V. *Reporters and officials: the organization and politics of newsmaking*. 2 ed. Lexington: D.C. Health and Company, 1974.

SILVA, Marcos Paulo da; JERONYMO, Raquel de Souza. Apontamentos críticos sobre os valores-notícia de construção: contribuições para a problematização do conceito a partir da frame analysis e da crítica retórica. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 52-61, jan./jun. 2018.

TABAК, Fanny. *Mulheres públicas: participação política e poder*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2002.



THE GLOBAL Media Monitoring Project 2015. *Who makes the news*. 2015. Disponível em: <<http://whomakesthenews.org/gmmp/gmmp-reports/gmmp-2015-reports>>. Acesso em: 13 set. 2020.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.